

EREIRA, Carlos Lemes. Garimpeiro de memórias: caixas e mais caixas de papelão fazem parte da vida do campineiro Nelson Camargo e guardam grandes lembranças. Diário do Povo, Campinas, 19 jul. 1999.

CARLOS LEMES PEREIRA

O campineiro Nelson dos Santos Camargo, 73 anos, é um garimpeiro de memórias. E, no mês do 225º aniversário da cidade, ele abre seu baú. Na verdade, mais de um: são caixas e mais caixas de papelão, transbordantes de tesouros históricos, espalhadas por diversos cantos do sobradinho branco de portas e janelas azuis, próximo ao Bosque dos Jequitibás. "Como os museus de Campinas estão entregues às traças, tô pensando em transformar minha casa num", alfineta.

Brincadeira à parte, a verdade é que, coincidentemente, foi a fachada da sua casa que a Prefeitura escolheu para afixar a placa de indicação da rua Marcondes Salgado. Homenagem involuntária a um homem que, num esforço solitário e abnegado, vem se dedicando muito mais à História de Campinas do que as autoridades públicas responsáveis pela área.

A casa/museu de Nelson é a última da antiga rua tortuosa e, logo ao lado, já fervilha o trânsito pesado no Laurão (Viaduto São Paulo). Esse contraste urbano determina a escolha da primeira relíquia que ele exhibe: uma seqüência de fotos que situam no tempo o trecho da avenida Moraes Sales que desapareceu para dar espaço ao viaduto, uma das obras mais polêmicas da gestão do ex-prefeito Lauro Péricles Gonçalves (1973/76).

Seqüência da demolição de teatro é uma das relíquias

A primeira foto data dos anos 20 e o local, com pouquíssimos imóveis, era praticamente um "arraial", incrustado num extenso jardim. Outra, tirada na década de 50, mostra, no primeiro plano, dois garotinhos, corte de cabelo estilo *Príncipe Danilo* (só um topete sobressaindo-se na cabeça raspada "a zero"). Mas o toque da "inocência perdida" está nas mãos dos meninos: tubos de lança-perfume, daqueles dourados, que vinham da Argentina para inundar os carnavais brasileiros, muito antes que a nossa legislação classificasse o produto como entorpecente e o banisse da folia. A última foto é um cartão-postal de 1980 e já mostra o Laurão tomado por veículos.

A próxima "expedição arqueológica" na casa de Nelson é embebida numa atmosfera crítica. Um álbum fotográfico denuncia, "quadro a quadro", a demolição do Teatro Municipal, em 1965, perpetrada pelo ex-prefeito Ruy Hellmeister Novaes, em seu segundo mandato, que foi marcado por uma fúria "desenvolvimentista", justificada pelo argumento de abrir clarões na cidade para a industrialização. "Eu ainda usava fraldas quando aquele belo teatro começou a ser construído. Mas até hoje me sinto indignado pela ofensa à memória do poeta e dramaturgo Raphael de Andrade Duarte, que foi prefeito de Campinas e idealizador da obra", desabafa Nelson.

Quando ele saca um exemplar do Diário do Povo de 25 de março de 1968, a primeira impressão é de que está trocando o bairrismo pelos fatos que alavancaram a História recente da humanidade. Afinal, refletindo o pique dos chamados "anos loucos", a manchete grita: "De Gaule poderá renunciar". Nada disso: o que

Nelson quer mostrar, na verdade, é a foto que registrou o último passeio de bonde em Campinas. O dedo trêmulo paira sobre um pedacinho da multidão retratada em torno da velha máquina. “Eu tava lá naquele dia. Ó eu aqui, do lado meu pai” — mostra — “Teve até seresteiro na despedida... mas foi um dia muito triste”. Sua emoção aumenta quando manuseia um livreto com a relação dos itinerários dos bondes de Campinas. A propaganda que patrocinou a publicação é de uma loja de *lingerie*

e, na ilustração, uma *blondie* veste uma meia-calça com sensualidade bem ousada para a época.

Se o interesse histórico de Nelson não chega a enveredar por marcos solenes como o Maio Francês, nem por isso pode ser considerado xenófobo. Sem perder a calma, mas com muito trabalho, espaventa do tampo da mesa onde espalhou as relíquias os quatro gatos com os quais, juntamente com a mulher, divide o sobradinho. Vasculha e acha um álbum da extinta revista *Intervalo*, anto-

lógico guia da então adolescente TV brasileira. Na seção *Jovem Guarda*, fotos hipercoloridas de “galãssauros” como Jerry Adriani.

“Fui um homem do meu tempo”, orgulha-se Nelson. Até alguns anos atrás, a noite campineira provava o quanto ele participava dos agitos culturais e boêmios: esse aposentado de uma fábrica de pneus “militou” por um bom tempo atrás dos bares que o filho — que também leva seu nome, porém é mais conhecido como *Zincão* — ajudou a tocar na ci-

dade, entre eles, o extinto *Ilustrada*.

A viagem no tempo salta da música para o futebol. Bugri no roxo, Nelson não poderia deixar faltar nas suas coleções preciosidades como exemplares do *Álbum das Balas*. “As balas eram ruins pra caramba, puro açúcar; o que valiam eram as figurinhas”, lembra, divertido. No folhear das páginas da edição de 1940 passeiam, em desenhos toscos, craques da Seleção Brasileira da época, como Aymoré, Florindo, Norival e Tim.

O habitante do sobrado fecha os baús. Hora da caminhada pelas alamedas do Bosque, recomendação do médico, que ele cumpre prazerosamente, todo fim de tarde. Mas nem nesses momentos dá trégua para a fome de História e histórias: “Enquanto ando, vou prestando atenção pelo caminho, pra ver se a degeneração, que já contaminou a comunidade campineira no social, não se agravou muito no meio ambiente”. Mais do que um garimpeiro, Nelson é um sentinela das memórias.



Fotografias
denunciam
"quadro a
quadro", a
demolição do
Teatro
Municipal,
em 1965

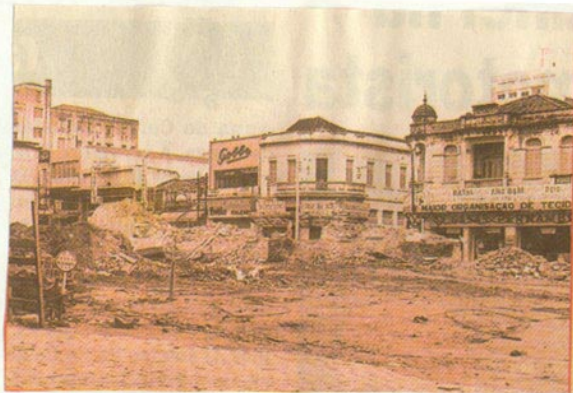
Justificativa
do então
prefeito Ruy
Hellmeister
Novaes foi
de abrir
clarões na
cidade



O Teatro
Municipal
ficava bem
atrás da
Catedral
Metropolitana,
no Centro

Destruição
praticamente
toma conta
de um dos
locais que
poderia ser
um marco de
Campinas





A fúria da
“expansão”
sai vitoriosa
e abre portas
para a
indústria



Nelson: uma "expedição arqueológica" embebida numa atmosfera crítica